

O processo de silenciamento dos alunos na educação básica revelado em uma intervenção em Clínica da Atividade Docente

 Bianca Alice Karasek*  Anselmo Pereira de Lima**

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná

**Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Como citar: LIMA, Anselmo Pereira de; KARASEK, Bianca Alice. O processo de silenciamento dos alunos na educação básica revelado em uma intervenção em Clínica da Atividade Docente. **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 35, n. jan/dez, 2026. DOI: doi.org/10.29286/187052026

Resumo

A partir da análise de trechos obtidos por meio da implementação da Clínica da Atividade Docente em um Colégio Estadual, revela-se o tema deste estudo: o processo de silenciamento dos alunos na educação básica. Baseado nisso, o objetivo deste estudo é compreender os aspectos que cercam o fenômeno identificado, analisando tópicos que foram pontuados nos próprios trechos. Ademais, para contribuir para a compreensão do fenômeno, realizam-se considerações acerca do gênero da atividade e seu impacto nas escolhas docentes. Como resultado identificou-se que há “pressão” sobre os professores para que estes tomem certas atitudes de “domínio” em sala de aula.

Palavras-Chave: Formação docente continuada, gênero da Atividade, participação discente.

The process of silencing students in basic education revealed through an intervention in the Teaching Activity Clinic.

Abstract

From the analysis of excerpts obtained through the implementation of the Teaching Activity Clinic in a State School, the theme of this study emerges: the process of silencing students in basic education. Based on this, the objective of this study is to understand the aspects surrounding the identified phenomenon by analyzing topics highlighted in the excerpts themselves. Furthermore, in order to contribute to the understanding of the phenomenon, considerations are made regarding the genre of the activity and its impact on teachers' choices. As a result, it was identified that there is a “pressure” on teachers to adopt certain “control” attitudes in the classroom.

Keywords: Continuing teacher education, activity genre, student participation.

El proceso de silenciamiento de los alumnos en la educación básica revelado a partir de una intervención en la Clínica de la Actividad Docente

Resumen

A partir del análisis de fragmentos obtenidos mediante la implementación de la Clínica de la Actividad Docente en un Colegio Estatal, se revela el tema de este estudio: el proceso de silenciamiento de los alumnos en la educación básica. Con base en ello, el objetivo de este estudio es comprender los aspectos que rodean el fenómeno identificado, analizando temas que fueron señalados en los propios fragmentos. Además, para contribuir a la comprensión del fenómeno, se realizan consideraciones acerca del género de la actividad y su impacto en las decisiones docentes. Como resultado, se identificó que existe una “presión” sobre los profesores para que adopten ciertas actitudes de “dominio” en el aula.

Palabras clave: Formación docente continua, género de la actividad, participación estudiantil.

Introdução

Este artigo resulta da etapa inicial de uma pesquisa desenvolvida no âmbito de uma dissertação de mestrado. A temática, o processo de silenciamento dos alunos na educação básica, foi suscitada a partir de uma implementação da Clínica da Atividade Docente (CAD). Para Lima (2021), tal implementação consiste em uma proposta de formação continuada realizada juntamente com os professores nas escolas. Nela ocorre a identificação de conflitos na prática docente, ao mesmo tempo em que é refletido sobre possibilidades de superação destes conflitos. Esta reflexão pode promover uma transformação na prática docente ao fortalecer o seu poder de ação, capacitando-os a enfrentar e superar desafios inerentes às suas atividades cotidianas (Clot, 2017).

Uma intervenção em CAD se organiza em 10 etapas. No que tange a este trabalho, interessa especificar as etapas de 1 a 4, como segue:

1) formar duplas de professores voluntários no interior do coletivo de trabalho docente para a filmagem de aulas; 2) estabelecer uma parceria de trabalho com os alunos dos professores voluntários e – no caso dos discentes menores de idade – também com seus pais ou responsáveis; 3) observar e registrar por escrito uma ou duas aulas de cada professor de cada dupla voluntária; 4) auxiliar os professores de cada dupla voluntária na análise e na problematização das aulas observadas e registradas por escrito. (LIMA, 2021, p. 70).

Este trabalho, portanto, se propõe a estudar uma intervenção em CAD aprovada pelo comitê de ética, sob o número: 64679722.7.0000.0177, realizada no ano de 2023 em um Colégio Estadual no Paraná.

Mais especificamente, este trabalho toma como objeto de estudo o diálogo gravado proveniente da etapa 4 da intervenção, na qual é feita a leitura para a professora participante das notas tomadas pelo interveniente na etapa 3 descrita. A leitura das notas é efetuada para auxiliar uma professora de português na análise e problematização de sua aula e resulta

em um diálogo entre ela e o interveniente. No desenvolvimento deste diálogo revela-se a percepção de um fenômeno: uma grande participação dos alunos do sétimo ano e a falta de participação dos alunos do ensino médio. Diante deste quadro o interveniente e a professora propõem uma hipótese que consiste na compreensão de que juntamente aos avanços das etapas escolares se daria também um processo de escolarização e consequente silenciamento dos alunos. Dessa forma, no que diz respeito à temática, entende-se que surge um problema: a perda do envolvimento do aluno em seu processo de aprendizagem e o prejuízo em sua formação como um sujeito crítico.

Justifica-se este estudo se dá pelo entendimento de que ele trata de um conflito real e contemporâneo do sistema educacional e também pela possibilidade que ele promove para a reflexão de educadores que encontram o mesmo conflito em sua prática.

Visto isso, este estudo estabelece como objetivo geral compreender os aspectos que auxiliem na compreensão da ocorrência do fenômeno do silenciamento identificado. Para isso, estabelecem-se como os objetivos específicos do estudo: 1) realizar a transcrição das falas contidas no diálogo de acordo com as normas previstas no Projeto de estudo da norma linguística urbana culta de São Paulo (NURC/SP) (Preti, 1999) e 2) produzir a organização tópica (Jubran *et al.* 2002).

A organização tópica realizada a partir da transcrição do diálogo, mostra-se importante neste estudo, pois cria um espaço possível para análise. De acordo com Jubran *et al.* (2002), o assunto que surge na conversa corresponde a um tópico discursivo. O tópico discursivo se define como uma interação centrada, de forma que, durante a conversação, os falantes possuem uma consciência de que certo assunto está no centro. Fala-se sobre um assunto e deve-se continuar a interação falando algo relacionado a ele. Contudo, esse tópico não é o mesmo durante toda a interação, e deve

se desenvolver e atrair outro diferente, conforme ocorre o movimento dinâmico da estrutura conversacional (Jubran *et al*, 2002).

Com a organização tópica do diálogo realizada e, a partir disso, com sua maior compreensão, iniciou-se a leitura e a seleção de trechos para serem utilizados na análise, buscando trazer tópicos significativos que emergiram na conversa, que auxiliassem na compreensão do conflito identificado.

A organização deste estudo está dividida em três etapas. Na primeira parte do estudo analisa-se os tópicos selecionados do diálogo entre professora e interveniente. Posteriormente, faz-se considerações acerca do gênero da atividade, seu impacto nas escolhas docentes e a ocorrência do processo de silenciamento e, por fim, pontua-se as considerações finais do estudo.

Análise dos trechos selecionados

Um dos primeiros conflitos identificados a partir da organização tópica revelou-se por um padrão de comportamento da docente. No tópico 14, denominado “interação entre a professora e os alunos”, o interveniente faz a leitura de uma parte das suas anotações para a professora e é evidenciado, pela repetição dos fatos, que existe uma grande vontade dos alunos do sétimo ano em participar da aula, porém o foco da professora parece estar em seguir o seu planejamento. Este comportamento da docente faz com que ela acabe adiando a participação dos alunos e não acolha de imediato as dúvidas que surgem durante a explicação da aula.

Tal conflito entre seguir com o planejamento e acolher as perguntas dos alunos é apresentado para a professora (P) por meio da leitura das notas tomadas pelo interveniente (I). Contudo, pode-se compreender mais quando há uma condução do interveniente, que ocasionalmente, toma uma postura de insistência, questionando de diferentes formas e propondo

hipóteses sobre as motivações que fazem a docente a optar por agir de determinada forma, essa condução por vezes auxilia no desenvolvimento do tópico tratado. Em itálico no trecho abaixo pertencente ao tópico 15 é possível identificar como essa ação do interveniente aparece.

- hoje “quinze e vinte professora an::: indução da vontade presentes promessas privilégios a professora decidida a prosseguir com a exposição a partir da projeção”...
sim... tem que ser né? ((risos))
- 25 [quer comentar?
não::: ((risos))
por que tem que ser?
não é que::: eu tinha o fio da meada e eu precisava apresentar aquilo porque o trabalho... ao meu ver o trabalho que eles iam q/ que me foi pedido era muito dif/ difícil para eles entende? difícil no sentido assim eu eu não consigo eu não::: eu não gosto de trabalhar superficialmente com uma temática entende?... tipo aquilo ali era o mínimo que eles tinham que saber para eu partir para outro trabalho na minha opinião eu poderia ter chegado e ter dito assim ah a gente vai::: fazer a paródia porque o objetivo é esse fazer uma paródia com::: falando sobre o abuso sexual de crianças e adolescentes... e::: pronto né? e dá ideias porque isso foi o que eu fiz na outra aula... entende? só que eu queria que eles tivessem uma base histórica uma base do que era o abuso uma base da lei uma base sabe? se eu tô se eu tenho dúvidas para quem eu vou perguntar? sabe? para saber que a escola é um lugar seguro que eles podem falar que tem na escola pessoas que já sabem o que é aquilo sabe? nesse sentido era muito conteúdo?
- 30 nã:::o não logo terminou foi até praticamente até o último slide... era só aquilo ali praticamente tinha dois slides depois...
ah você sentia que::: com a participação deles... da forma como vinha acontecendo podia parecer que assim sentia que talvez não fosse dar tempo de dar o conteúdo daquela aula?
- 35 não::: o receio sabe qual era é porque eu já tinha trabalhado na outra turma e na outra turma ele:::s como posso... transgredir? transgredir?
eu não sei o que você qu/
- 40 [sair do tema eles saíram do tema
desviaram o tema
desviaram o tema e daí eles acharam graça em várias partes eles acharam engraçado deram risada sabe? no sentido assim porque é um assunto sério... na minha opinião
- 45
- 50

Fonte: *corpus* da pesquisa; texto transcrito para as análises.

No início do trecho é evidenciado o desejo dela em seguir com o planejamento da aula, especialmente ao ler a frase “professora decidida a prosseguir com a exposição”.

Ao concluir a leitura deste trecho das anotações, o interveniente faz uma breve pausa, indicada pelas reticências (linha 223). Essa pausa parece provocar um efeito na professora, que, devido à dinâmica da conversação, sente a necessidade de comentar sobre o que foi lido.

Na sua resposta a docente confirma o que foi lido (linha 224) e, em seguida, demonstra hesitação com uma pausa e uma entonação decrescente ao usar a expressão conclusiva “tem que ser, né?”. Esta resposta defende o procedimento por ela tomado que de alguma forma foi “denunciado” pela leitura das anotações. Após sua defesa, ela finaliza a sentença com uma risada (linha 224), ação que diante do contexto pode sugerir certo desconforto da professora ao perceber e confrontar suas ações.

É visto também que no mesmo momento em que a professora inicia sua expressão conclusiva, o interveniente convida-a a comentar sobre o que foi lido (linhas 225 e 226), isso fica evidente pelo uso do colchete representando simultaneidade entre as vocês. O convite se concretiza em forma de pergunta, considerada um ato ilocutório, que pode reforçar a intenção do interveniente em iniciar o desenvolvimento do tópico.

A resposta da professora aparece novamente em forma de hesitação, ela responde o convite com um “não” prolongado seguido de risada (linha 227), aparentando não ter certeza se deseja tratar do assunto. Apesar da negativa da professora, o interveniente insiste, alterando desta vez a forma como faz a pergunta. Essa alteração consiste em não dar à professora a opção de negativa e questiona: “por que tem que ser?” (linha 228). Após essa investida obtém-se a resposta da professora.

Na resposta observam-se alguns tipos de hesitação como prolongamentos de palavras, truncamentos e pausas. A professora parece tomar cuidado com a escolha das palavras que usa, aparentando refletir sobre o motivo em optar por seguir a aula que ela ainda não sabe, parece ocorrer um encontro da professora com o desconhecido.

Pode-se entender que as hesitações na fala da professora apresentam-se como uma forma desajeitada de comunicação, que ocorre no momento em que a docente concomitantemente pensa seu discurso e o elabora. A fala desajeitada ocorre para Bakhtin (2016, p.41) quando há ausência de domínio de determinado gênero do discurso. Um sujeito que, apesar de dominar a sua língua, comunica-se de forma desajeitada, revela não possuir um acervo suficiente de enunciados que o auxilie a moldar de forma rápida seu discurso no estilo e composição.

Lima (2016) aponta essa forma desajeitada como uma forma inarticulada de comunicação. A inarticulação é um processo de desenvolvimento que transita da inabilidade de comunicar-se bem até a habilidade de dominar os gêneros do discurso. De forma semelhante, a professora, fala de forma inarticulada ao ser confrontada com um tema sobre o qual ainda não havia refletido, e agora precisa se posicionar dentro desse gênero discursivo, relacionando-o com discursos já existentes com os quais já teve contato. Este processo se dá por testes das combinações possíveis, justificando as hesitações no discurso.

Na resposta da professora, em meio a hesitações, localiza-se um motivo que justificaria sua ação em seguir com o planejamento da aula: as informações contidas no planejamento eram importantes para os alunos realizarem a atividade que viria a seguir (linhas 232 e 233).

Após a obtenção dessa resposta da professora, há ainda mais um movimento do interveniente, no qual uma hipótese é lançada, ele questiona “era muito conteúdo?” (linha 241). Talvez, o que contribuísse para a ação da professora em prosseguir com o planejamento da aula fosse a falta de tempo para expor o que ela havia levado para os alunos e, a docente, desejando terminar o planejado para a aula, negaria a participação deles. Contudo, ela nega essa hipótese (linha 242).

Com a negativa da professora sobre a quantidade de conteúdo, o interveniente, testa mais uma vez a hipótese relacionada ao tempo (linhas

244 a 245). A resposta da professora se mantém em negativa, mas, desta vez, suscita mais uma justificativa para sua ação: o receio de que os alunos desviem do tema da aula (linhas 246 e 250).

A postura de insistência do interveniente em saber mais sobre os motivos da professora prosseguir com o planejamento da aula sem dar voz aos alunos culmina no desenvolvimento do tópico 15, como apresentado no quadro abaixo.

Quadro 01 - Tópico 15

15	TÓPICO	225 - 274	Motivos pelos quais a professora decide seguir com o planejamento da aula.
15.1	Subtópico	226 - 228	Interveniente convite a professora a comentar sobre optar seguir o planejamento da aula em alguns momentos.
15.2	Subtópico	229 - 240	A professora justifica sua ação informando que os alunos precisavam saber do conteúdo para realizar a atividade seguinte.
15.3	Subtópico	241 - 243	A ação em seguir com o planejamento da aula não foi devido a quantidade excessiva de conteúdo.
15.4	Subtópico	244 - 245	A ação em seguir com o planejamento da aula não foi devido a grande participação dos alunos.
15.5	Subtópico	246 - 274	Receio da professora que os alunos desviem do tema como aconteceu em outra turma.

Fonte: Quadro tópico elaborado pelos autores com base na transcrição do áudio do diálogo gravado.

A formação do tópico 15, que conta com pontos importantes derivados da condução do interveniente, implica em seu desenvolvimento. De forma semelhante como ocorre o desenvolvimento do tópico 15, outros tópicos também surgem e auxiliam na compreensão do fenômeno central da pesquisa.

Outra posição identificada do interveniente que tornou possível o desenvolvimento de tópicos se refere a sua atenção às possíveis contradições que se apresentam durante o diálogo, de forma que possa relacioná-las e apresentá-las para a professora para que juntos trabalhem na sua compreensão de sua ocorrência.

Ao analisar o quadro da organização tópica, observa-se que essa ação foi realizada quando nas falas da professora foi possível identificar uma contradição ao relacionar os tópicos 17, 21 e 24. No tópico 24, a professora afirma que não adota e odeia uma postura de domínio de turma e justifica-se ao falar que permite que os alunos conversem enquanto realizam atividades. No entanto, em tópicos anteriores, suas ações indicam um certo grau de busca por domínio da turma. Por exemplo, nos subtópicos 21.3 e 21.4, quando questionado sobre mudanças que poderiam ser feitas na aula dada, a professora expressa o desejo de mais participação dos alunos, mas lança uma ideia de uma participação controlada, limitada à leitura de excertos selecionados por ela.

No recorte realizado no subtópico 17.2, também é possível ver uma certa busca por domínio quando é descrito que a professora caminha entre as fileiras das carteiras dos alunos possuindo consciência que a prática é feita para obter silêncio.

Essa contradição entre a rejeição e a prática do domínio de turma é retomada e aprofundada no tópico 32, quando a questão volta a ser discutida e desenvolve-se o tópico e atraindo dois outros importantes temas: o primeiro se dá na possibilidade de a docente realizar práticas de “domínio” mesmo não gostando, e o segundo parte em direção a justificativa dessa ação, que ocorreria devido a pressão externa sobre os professores para manterem o silêncio em sala de aula. Vejamos como isso é expresso no trecho transcrito abaixo que dá início ao tópico 32.

você buscava domínio de turma aqui?
aqui?
é...
talvez... mas talvez eu quando eu pedi silêncio né algumas vezes
[
aquí aquí ó ((som de página virando))
quando eu to obstinada a terminar o negócio ((seis segundos de silêncio)) mas é uma
obstinação queria termiNAR
[
você você talvez seria essa professora que busca o domínio de turma?
((respira fundo)) talvez... em alguns momentos
[
mas mas você falou que abomina essa coisa do
domínio de turma
é eu não gosto... eu não gosto desse conceito... entendeu? tanto que eu não consigo
eu não:: ... essa foi uma das aulas mais quietas que você presenciou
você você talvez estaria é:: ((cinco segundos de silêncio)) na prática buscando algo
que você não gosta?...
talvez no sentido:: ((quatro segundos de silêncio)) como posso dizer nem é pela sala
de aula mas tipo eu penso assim todo mundo fica reparando o qu/ você viu a turma daquela
professora que agitada? ((cinco segundos de silêncio))
os observ/ a:: os observ/
90 é:: os observadores externos ((oito segundos silêncio)) que eu já ouvi isso...
existe uma pressão externa
[
já ouvi isso nossa como sua turma é agitada ((risos))
existe uma pressão externa
95 i::sso para que todo mundo aja com domínio de turma ((quatro segundos de
silêncio))

Fonte: *corpus* da pesquisa; texto transcrito para as análises.

O trecho é iniciado com uma pergunta do interveniente de modo a explorar a relação entre a ação da professora e a prática do domínio de turma (linha 772). A professora ao ser questionada, parece refletir ao que já foi apresentado a ela sobre as ações que vão ao encontro do “domínio de turma” e, responde que talvez, em algumas situações possa ter buscado domínio de turma (linha 775). Ela parece evitar contradizer completamente sua afirmação anterior sobre não gostar do termo “domínio” e não realizá-lo. No entanto, mesmo assim, admite parcialmente a prática dele em certas situações.

No momento final da resposta da professora, o interveniente sobrepõe sua fala à fala dela e, neste momento, parece procurar em suas notas o

momento a que se refere para mostrar à professora (linhas 776 e 777). Contudo, a professora toma o turno de fala e busca justificar-se dizendo que teria uma postura de domínio em sala quando está “obstinada” a terminar algo (linha 778).

Junto com a conclusão da professora há uma sobreposição de voz do interveniente. Ele agora realiza uma pergunta semelhante àquela feita no início do tópico, mas, desta vez, colocando-a em tom de hipótese: “você talvez seria essa professora que busca o domínio de turma?” (linha 781) A professora, então, respira fundo, parece querer aliviar um peso, ela não assente, mas cogita novamente a possibilidade de prática do domínio de sala, reforçando que isso ocorre em apenas alguns momentos (linha 782).

O interveniente realiza mais uma vez a sobreposição de voz, aparentando ansiedade em compreender o motivo de a contradição ocorrer. Ele então, após parcialmente admitido pela professora a prática do domínio, relembra que ela disse “abominar” tal prática (linha 784 e 785), colocando em evidência a contradição. A docente aparenta estar na defensiva, admite não gostar, realiza algumas hesitações e se justifica informando que a prática do domínio não costuma acontecer (linha 786 e 787).

Na sequência, o interveniente parece basear-se na contradição identificada, e coloca em palavras a situação através de uma pergunta “você talvez estaria é::: ((cinco segundos de silêncio)) na prática buscando algo que você não gosta?...” (linha 788 e 789). A resposta da professora inicia com uma incerteza, há um prolongamento de palavra logo no início da sua fala seguido de quatro segundos de silêncio “talvez no sentido::: ((quatro segundos de silêncio))” (linha 790). Nesse tempo ela parece estar se questionando sobre suas verdades e motivações para realizar algo de que não gosta. Na sequência, ela revela uma preocupação com o julgamento alheio perante uma sala agitada “todo mundo fica reparando o qu/ você viu a turma daquela professora que agitada?” (linha 791 e 792).

O interveniente, então, demonstrando ter assimilado o que foi dito pela professora, propõe o termo "observadores" para definir aqueles que reparam na agitação da turma (linha 793). A professora concorda completando a expressão "observadores externos" e, em seguida, ocorre uma pausa de oito segundos (linha 794). Durante esse intervalo, ela parece recordar uma situação semelhante e menciona que já ouviu comentários desse tipo anteriormente (linha 794).

É feita então uma afirmação pelo interveniente de que existe uma pressão externa que influencia o comportamento da docente (linha 795). Ao mesmo tempo, a professora sobrepõe sua voz à dele, parecendo estar ansiosa em concordar sobre o motivo pelo qual adota uma postura de "domínio" mesmo não gostando. Ela declara que já ouviu comentários nesse sentido "já ouvi isso nossa como sua turma é agitada" (linha 797). O interveniente repete a sua afirmação sobre a existência de uma "pressão externa" como se estivesse compreendendo a situação (linha 798). Por fim, a professora confirma que a "pressão externa" existe (linha 798). Juntos consentem que há uma pressão externa para que as salas sejam silenciosas, pressão essa que vem dos próprios membros da comunidade escolar.

Outra retomada de tópico importante para a compreensão do tema é referente ao subtópico 17.13, no qual a professora faz um comentário sobre o silêncio que ocorre nas turmas do ensino médio, em justificativa pela sua ação em descer entre as carteiras. Vejamos como isso se apresenta no quadro abaixo.

Quadro 2 - Subtópico 17.13

Subtópico 17.13	355 - 359	A professora desce entre as fileiras também no ensino médio, onde os alunos já ficam em silêncio.
-----------------	-----------	---

Fonte: Quadro tópico elaborado pelos autores com base na transcrição do áudio do diálogo gravado.

É possível traçar então, uma oposição de comportamento a partir da situação apresentada no início da análise, na qual declara uma participação

ativa dos alunos do sétimo ano e, a agora a situação apresentada pelo subtópico 17.13, que traz a falta dessa participação nos alunos do ensino médio. Este contraste entre a participação dos estudantes de diferentes níveis da etapa escolar é apresentado à professora no tópico 31.

No tópico 31, observa-se que o contraste entre a participação ativa e sua ausência possibilita delinear uma linha do tempo que evidencia como, ao longo da trajetória escolar, os alunos, inicialmente entusiasmados, passam a perder gradualmente o interesse em participar das aulas. Desse movimento, emerge a questão central do estudo: o processo de silenciamento vinculado ao percurso de escolarização.

A seguir, exploraremos como essa relação é abordada no trecho em análise na qual traz o fim do tópico 32 tratando sobre a pressão externa em cima dos professores e o processo de silenciamento e parte do tópico 33 que trata sobre o problema da ocorrência do processo de escolarização.

- 05 8 e aí um sétimo ano vai vai quer dizer pressão externa para cima do professor
uhum
que faria pressão sobre os alunos
uhum
- 10 8 sétimo ano vira oitavo ano vira nono ano vira primeiro ano vira décimo ano vira
décimo primeiro ano décimo terceiro terceiro né
aham
e aí... uma turma se transformaria numa turma apática dá para visualizar esse
dá
- 15 8 essa linha do tempo?
dá dá bem tranquilo
por pressão externa sobre o professor
aham
que faz pressão pros alunos buscando esse domínio e aí talvez alunos é... tão
interessados quanto esses aí que um pouco desconfiados com a presença do::: do forasteiro
ali do estrangeiro
- 20 8 sim
né?
e daí eles vão
[
do estranho... mas assim alunos... ali eles buscam a palavra eles querem
perguntar eles querem saber... eles querem interagir eles querem falar
uhum... sim... pode acontecer isso sim
você você talvez é::: identifica isso um problema?...
na minha opinião?
uhum
sim...

8
25 como como é que você especificaria esse problema qual é o problema assim? qual
seria esse problema que você... vê nisso que a gente tá conversando
dessa observação externa que a gente leva em consideração para nossas aulas?
isso isso e todo o desdobramento tudo que tudo que resulta disso
eu acredito que acaba perd/ quem perde não sou eu... o aluno entende porque ele
meio que perdeu a curiosidade perdeu esse interesse ali no decorrer então e assim... parece
8
30 que nada vai animar esse aluno anima a participar anima a estar ali naquele momento nesse
sentido entende ((seis segundo silêncio))
e aí quando você lá no terceiro... diz assim essa palavra aqui o que significa vocês
entenderam todo vocabulário? sim ok e essa palavra aqui o que ela significa?
não sei
não sei você está tentando reanimar?
8
35 aham... exatamente

8
40

Fonte: *corpus* da pesquisa; texto transcrito para as análises.

No início do trecho o interveniente relaciona a ocorrência do silenciamento a pressão externa em cima do professor que por sua vez realizaria pressão sobre os alunos (linhas 802 e 804). Depois o interveniente simula uma linha do tempo, na qual descreve como se daria a ocorrência deste processo de silenciamento juntamente com o avançar das etapas escolares (linhas 806, 807 e 809). É possível identificar que enquanto o interveniente realiza descreve a situação identificada, a professora vai assentindo e confirmando a ocorrência deste processo (linhas 803, 805, 808 e 810)

Esse processo de escolarização é pontuado por Teixeira (2001). Para a autora, o sujeito se torna aluno quando compreende e internaliza as regras e os comportamentos esperados na sala de aula ou mesmo quando resiste às regras e é punido. Desse modo, parece que conforme o avançar de suas etapas escolares, os estudantes ao irem percebendo que, diferentemente de sua participação, o seu silêncio é valorizado e desejado, deixam cada vez mais de se interessar e participar ativamente das aulas, escolarizando-se.

No mesmo trecho, o interveniente questiona se o processo de escolarização identificado configura um problema, o que é confirmado pela professora. Ao aprofundar a questão, ele solicita a definição desse problema, e a docente aponta o aluno como o principal prejudicado, destacando a perda da curiosidade e o desânimo em participar das aulas.

O interveniente então relembra um momento, no qual a professora pergunta o significado de uma palavra para os alunos do terceiro ano do ensino médio e eles assentem saber o significado e ao serem questionados qual seria esse significado eles declararam não saber. Ele questiona se essa metodologia usada pela professora, de questioná-los sobre os significados das palavras, é uma forma de “reanimar” os alunos (linha 840). A professora afirma que sim (linha 841).

Por meio da análise deste trecho transcrito é possível observar então que, além da pressão exercida sobre os professores para controlarem suas turmas quanto ao barulho, estes por sua vez ao serem pressionados tomam medidas para controlar o barulho das salas e consequentemente não valorizar uma postura participativa de seus alunos, culminando em um processo de escolarização. Ainda, o trecho revela que surge posteriormente, no final da etapa escolar com o ensino médio, uma tentativa, sem muito sucesso, de reverter esse quadro quando os alunos já se encontram desanimados e apáticos.

Além disso, é interessante comentar que durante o diálogo entre interveniente e a professora são abordados dois outros aspectos que podem contribuir para tamanha diferença de participação na aula entre a turma do ensino fundamental e a do ensino médio. O primeiro aspecto refere-se ao ingresso dos estudantes do ensino médio no mercado de trabalho e o consequente cansaço advindo do desempenho de mais um papel para além do de estudante. E um segundo que refere-se ao medo que os estudantes do ensino médio sentem ao se exporem ao realizarem uma pergunta e dos possíveis julgamentos de seus colegas.

Gênero da Atividade Docente

Com a análise dos trechos apresentados pode-se observar que emergiram tópicos, os quais, em certa medida, permitem-nos refletir sobre o gênero da atividade docente. O termo "gênero da atividade" surge baseado no conceito de "gêneros do discurso" de Bakhtin e segundo Clot e Fajta (2016, p. 37) são formados tanto pelos gêneros do discurso quanto pelos gêneros de técnicas. A partir dessa perspectiva, os gêneros de atividades englobam não só às práticas comunicativas, mas também envolvem as técnicas e métodos específicos de se realizar uma atividade no contexto profissional.

Para Bakhtin (2016, p.12) os gêneros discursivos se apresentam como "enunciados relativamente estáveis". Nesse entendimento, por tratar-se de gêneros, sejam eles do discurso ou da atividade, ambos compartilham propriedades semelhantes. Pode-se pensar, dessa forma, em tipos relativamente estáveis de atividades socialmente organizadas por um meio profissional (Clot e Fajta, 2016).

No que diz respeito ao lado estável do gênero, Clot e Fajta (2016, p. 36-37) indicam que ele é composto pela parte subentendida, aquilo que os trabalhadores de um determinado contexto conhecem, esperam e reconhecem. Esse aspecto estável possibilita a repetição do que já é familiar e contribui para a identificação do gênero em uso.

Por outro lado, o caráter relativo do gênero está relacionado ao estilo pessoal que cada trabalhador aplica ao gênero (Clot e Fajta, 2016). Este lado, então, refere-se à necessidade de que as falas e as atitudes se adaptem a diferentes contextos, permitindo assim a recriação do gênero e, em consequência disso, um desenvolvimento profissional, haja vista que a recriação permite um aprimoramento da prática docente. Clot e Fajta (2016) destacam que é a recriação estilística que mantém o gênero vivo, porém,

sem o domínio daquilo que é conhecido pelo coletivo, não há como realizar essa recriação, por isso, pode-se dizer que um lado complementa o outro.

No que se refere ao contexto do estudo pode-se pensar então que o “gênero da atividade docente” refere-se a atividade desempenhada pelos professores dentro de um quadro relativamente estável. Esta atividade é evidenciada na CAD no momento em que a professora, ao ser instigada a refletir sobre seu trabalho, ultrapassa a avaliação de sua prática individual, e recorre à memória de acontecimentos passados para estabelecer suas formas de agir, orientando-se pelo “gênero da atividade docente” para guiar suas ações no exercício profissional.

Em um destes momentos, quando o interveniente coloca em evidência uma possibilidade da professora estar tomando atitudes de “domínio da turma”, mesmo ela declarando não gostar de tomá-las, aparece um tópico central que auxilia na compreensão da ocorrência do processo de silenciamento: a existência de uma pressão externa. Esta pressão externa que é exercida sobre os professores, revela uma ação que os professores acabam por tomar, mas que não ocorreria sem a existência desta pressão.

A partir disto é possível compreender que a prática de “domínio” de turma evidenciada no diálogo pode-se estabelecer como uma prescrição da prática docente vinculada, de certa forma, à dimensão estável do gênero da atividade docente.

Apesar de não estar escrito formalmente que existe um acordo interno de tomada de ações que os professores devem possuir para garantir o domínio das turmas, através das falas da docente participante, enxerga-se que ela possui certa consciência da forma como deve agir por pertencer à comunidade escolar. Isso se mostra verdadeiro quando identificado a contradição em sua fala, onde admite, em alguns momentos, agir com controle da turma, mesmo não gostando de agir dessa forma devido aos olhares de seus colegas.

Assim pode-se pensar que um docente que inicia na atividade docente tende a de maneira tácita desempenhar uma certa atitude de “domínio”, tendo em vista a pressão externa da própria comunidade escolar, para alcançar a expectativa concebida do sujeito docente que deve manter certo controle sobre a turma, gerenciando assim o “barulho” dos alunos e promovendo, de certa maneira, um comportamento silencioso. Isto fica evidenciado nos dados analisados quando um dos principais motivos pelos quais a professora escolhe possuir certo controle da participação dos alunos e preferir seguir com o planejamento da aula se deve a percepção dos outros membros da comunidade escolar sobre sua capacidade de ensinar (linhas 791 e 792).

São assim, dessa forma, um tanto quanto inconscientemente, realizadas pressões que modulam a atividade entre os próprios membros da comunidade escolar para que os professores cada vez mais mantenham o controle absoluto na sala de aula.

De forma semelhante, como ocorre uma pressão sobre os professores, ocorre também pressão sobre os alunos, parecem que conforme o avançar de suas etapas escolares, irão percebendo que, diferentemente de sua participação, o seu silêncio é valorizado e desejado. Deste modo, deixam cada vez mais de participar ativamente das aulas. Essas pressões, então, acabam por contribuir para a construção de uma aula monologada, na qual somente o professor fala.

Considerações Finais

Como apresentado, o tópico discursivo sobre o processo de silenciamento dos alunos na educação básica emerge ao longo do diálogo entre o interveniente e a professora, durante a devolutiva das anotações feitas na observação de aula.

A partir da análise dos trechos selecionados desse diálogo, identificam a pressão da comunidade escolar sobre os professores para que adotem atitudes de "domínio" em sala de aula.

Embora alguns professores não aprovelem a prática de "domínio", muitos adotam-na pela pressão sofrida. Ao adotarem esta postura acabam, por sua vez, por reforçar e contribuir para que esta postura de "domínio" permaneça no gênero docente e configure seu lado estável. Pode-se compreender então que o estudo ao abordar o gênero da atividade docente entende que o conflito investigado na pesquisa não se apresenta como um problema individual da professora participante, mas sim, como um problema do coletivo de professores.

Desta forma, os docentes ao tomarem atitudes de certo "domínio", baseando-se em um repertório que define o que é ser professor, agem de acordo com as "regras" implícitas que orientam certas formas de agir no contexto de trabalho. Contudo, ao assimilarem está "regra" acabam por contribuir para o processo de silenciamento dos alunos, prejudicando assim a formação da criticidade do sujeito, já que é pontuado uma tendência dos alunos, à medida que avançam nos anos escolares, de participar cada vez menos.

Destaca-se ainda a importância da CAD para o aprimoramento profissional, pois sua implementação possibilitou a conscientização sobre a prática de silenciamento em um contexto real e atual. Antes disso, essa questão não era abordada nem considerada naquele ambiente. Ao promover uma reflexão sobre esses conflitos, a CAD contribui para o desenvolvimento de uma consciência do docente sobre o conflito, o que pode promover uma transformação nas práticas educacionais, pois, ao tomar consciência dos conflitos, o docente pode pensar novas formas de agir.

Além disso, salienta-se que o processo identificado neste estudo é complexo, e que, além da pressão externa, há outros fatores que auxiliem na

adoção de uma postura de certo “domínio” pela professora. Entre esses fatores, pode estar um possível número elevado de alunos na turma, suposição feita devido a grande quantidade de perguntas identificada no ensino fundamental e a presença de "brincadeiras" entre os alunos, descrito pela professora em outra turma.

Considera-se também que a grande diferença na participação entre alunos do ensino fundamental e do ensino médio pode ser compreendida, em parte, pelo cansaço que os alunos do ensino médio enfrentam ao estarem em uma etapa de entrada no mercado de trabalho e o medo, mais comuns entre os adolescentes, do julgamento ao se expor e fazer em perguntas. No entanto, reconhece-se que um ponto relevante referente ao processo de silenciamento dos alunos na educação básica trazido neste estudo: a pressão externa sobre os professores.

Referências

BAKHTIN, Mikhael. **Os gêneros do discurso**. Org. trad. de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

CLOT, Yves. Clínica da Atividade. Trad. Suélen Maria Rocha e Emily Carolina da Silva. **Horizontes**. v. 35, n. 3, p. 18-22, 2017. Disponível em: <<http://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/526/239>> . Acesso em: 20 ago. 2024.

CLOT, Yves. FAITA, Daniel. Gêneros e estilos em análise do trabalho: conceitos e métodos. **Trabalho & Educação**. Belo Horizonte, v.25, n.2. p. 33-60, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9555>> . Acesso em: 20 ago. 2024.

JUBRAN, Clélia. *et al.* Organização tópica da conversação. In: ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do português falado**. 4 ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

LIMA, Anselmo. **Como transformar a prática docente nas escolas**: Guia definitivo para o coordenador pedagógico. 1 ed.– Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

LIMA, Anselmo. Inarticulateness as a developmental process from inability to ability in speech genres. **Language Sciences**, volume 53, Parte A, 2016. p. 21-30.

PRETI, Dino. **Análise de textos orais**. 4. ed. - São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.

TEIXEIRA, Marluci, Badre. Tornar-se aluno: o aprendizado da etiqueta escolar em uma sala da pré-escola. In: COX, M. I. P; ASSIS-PETERSON, A. A de (orgs.). **Cenas de sala de aula**. Campinas - SP : Mercado das Letras, 2001. p.193-227.

Conflito de interesses: Autores declaram que não há conflito de interesse com relação a este manuscrito.

Financiamento: O artigo não recebeu financiamento.

Contribuições de autores

Autor 1 – Autoria, responsável pela seleção, organização e análise do material, bem como pela estruturação e redação do artigo.

Autor 2 – Coautoria, com participação ativa na construção e revisão do texto e responsável pela produção do material analisado.

Recebido: 01 de Abril de 2026

Aceito: 30 de Junho de 2026

Publicado: 05 de Agosto de 2026



<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica>